

A DETERMINAÇÃO DO CAPITAL FINANCEIRO NO SETOR PRODUTIVO DO AGRONEGÓCIO DO CAFÉ EM VITÓRIA DA CONQUISTA-BA

Weldon Pereira Silva de Novais¹

RESUMO

O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado em curso e, portanto, os resultados aqui apresentados são apontamentos gerais e primeiras impressões da nossa investigação. O objetivo deste trabalho é discutir a determinação do capital financeiro no setor produtivo do agronegócio do café em Vitória da Conquista-BA e, desse modo, analisar a reestruturação produtiva nesse setor inserida nessa lógica de determinação. A metodologia para desenvolvimento dessa etapa de investigação se constituiu, basicamente, pelo levantamento de dados e revisão bibliográfica que possibilitou a reflexão e nossas primeiras impressões sobre o objeto em análise. Assim, o presente trabalho contribuiu para analisar o movimento de determinação do capital financeiro no processo de reestruturação produtiva no agronegócio do café em Vitória da Conquista-BA sob os moldes de uma agricultura capitalista mundializada.

Palavras-chave: capital-financeiro, reestruturação-produtiva, agronegócio-do-café.

Introdução

A expansão do capital financeiro no campo brasileiro acontece de forma cada vez mais contundente, subordinando todas as outras formas de capital à sua lógica dominante. Com a mundialização da agricultura capitalista, o agronegócio passou a operar em função das bolsas de valores e mercados futuros, dos grandes grupos monopolistas mundiais e das *commodities*. Nessa perspectiva, o presente trabalho é apenas um recorte de uma pesquisa de mestrado em curso e tem como objetivo principal discutir a determinação do capital financeiro no setor produtivo do agronegócio do café em Vitória da Conquista-BA. Nesse processo foi possível verificar a reestruturação produtiva nas lavouras de café como possibilidade de ampliação da mais-valia para atender as demandas do capital financeiro, especializado em se apropriar desse valor-excedente, intensificando as contradições entre capital x trabalho.

¹ Aluno de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba (PPGG-UFPB). e-mail: novais.weldon@gmail.com

O percurso metodológico para desdobramento deste trabalho aconteceu, basicamente, em duas etapas: a primeira diz respeito aos levantamentos bibliográficos, leituras e fichamentos. A segunda foi realizada por meio de levantamento de dados, sistematização e análise dos dados. É importante esclarecer que apresentação dessas etapas de forma separada foi apenas para fins didáticos e, portanto, não significa que elas aconteceram nessa ordem nem tão pouco de forma dissociada. Acrescentamos que teoria e prática caminham juntas ao longo dessa investigação por possibilitar melhor apreensão do fenômeno pesquisado.

Diante disso, destacamos Harvey (2005, 2011), Samuel (2013), Carcanholo; Sabadini (2015), Oliveira (2016), Carcanholo, M. D.; Paschoa, (2010) e Santana (2016) como uma das principais referências do presente trabalho. Os dados foram obtidos em sites como Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE), Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (CECAFE), Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

Esses elementos analíticos foram essenciais para analisar o domínio do capital financeiro no processo de acumulação global do capital e as implicações desse fenômeno no agronegócio do café em Vitória da Conquista por meio da reestruturação produtiva e superexploração da força de trabalho.

O agronegócio do café e a mundialização da agricultura brasileira

Como ponto de partida da discussão é necessário destacar que em nossa interpretação o agronegócio do café é entendido sob o ponto de vista de uma “*agricultura capitalista monopolista mundializada*”, ou seja, um processo de mundialização da agricultura brasileira que inicia na década de 1970, consolida-se na década de 1990 e está intimamente ligada ao projeto neoliberal de um capitalismo monopolista mundializado (OLIVEIRA, A. U., 2016). Em outras palavras, pode-se afirmar que nesse processo a agricultura brasileira ficou subordinada às determinações do capitalismo monopolista mundializado, intimamente ligado ao projeto neoliberal de abertura de mercados e supremacia do mercado financeiro.

De acordo Oliveira (A.U, 2015, p.236) essa mundialização da agricultura brasileira tem início, basicamente, nos anos de 1960-1970 pela aliança entre capital nacional, internacional e Estado por meio de três processos simultâneos e intercambiados: a) ***produção capitalista internacionalizada*** (observou-se, de forma mais expressiva, o movimento de

empresas dos países do centro capitalista estendendo suas instalações/operações para os países periféricos); b) *ações internacionais dos governos* (dentre outras ações, destaca-se o *Consensus de Washington*² que está no cerne dos programas e modelos de reformas fiscais e econômicas recorrentes nos países de economia emergente) e c) *movimentos internacionais de capitais* (caracterizada, dentre outras coisas, pela criação do Fundo Monetário Internacional – FMI – e Banco Mundial para possibilitar a movimentação de capitais por meio do desenvolvimento do sistema de crédito).

É importante destacar o papel do neoliberalismo no processo de mundialização da agricultura brasileira. Para Harvey (2004) o neoliberalismo é como uma forma contemporânea de acumulação que opera, principalmente, por meio da abertura dos mercados, flexibilização de leis trabalhistas e ambientais. Além disso, o autor destaca a supremacia do capital financeiro com o desenvolvimento do sistema crédito, o que por sua vez, possibilitou que países da periferia capitalista se endividassem por meio de empréstimos concedidos pelos países do centro.

Nesse contexto, podemos afirmar que para Pitta e Mendonça (2014) a *industrialização da agricultura brasileira* nos anos de 1970, marcada pela entrada de capitais internacionais, mudança da base técnica agrícola por insumos industriais a partir de uma política de crédito governamental e comércio exterior, é de fundamental importância para interpretação da agricultura contemporânea na qual o capital financeiro determina o processo produtivo.

Esses processos discutidos até aqui possibilitam analisar a agricultura capitalista mundializada e interpretar os seus mecanismos de funcionamento na contemporaneidade. Nessa conjuntura, Oliveira (2016, p.123) explica que agricultura sob o capitalismo monopolista mundializado, passou a se estruturar em três pilares:

1) *Produção de commodities*: objetivo de transformar a produção de alimentos em mercadorias negociadas em bolsas de mercadorias e futuros. Entre as principais *commodities* do campo estão: milho, soja, café, e boi gordo.

² **Consenso de Washington** é uma conjugação de grandes medidas - que se compõe de dez regras básicas - formulado em novembro de 1989 por economistas de instituições financeiras situadas em Washington D.C., como o FMI, o Banco Mundial e o Departamento do Tesouro dos Estados Unidos, fundamentadas num texto do economista John Williamson, do International Institute for Economy, e que se tornou a política oficial do Fundo Monetário Internacional em 1990, quando passou a ser "receitado" para promover o "ajustamento macroeconômico" dos países em desenvolvimento que passavam por dificuldades. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Consenso_de_Washington

2) *Bolsas de mercadorias e futuros*: elas são o centro regulador do preço das *commodities*. A principal bolsa de comercialização de alimentos do mundo é a bolsa de Chicago. Ela faz parte do *CME Group*, que controla também a *New York Mercantile Exchange (NYMEX)*, *Chicago Board of Trade (CBOT)* e a *Commodities Exchange (COMEX)*.

3) *Empresas monopolistas mundiais*: diz respeito ao processo de formação das empresas monopolistas mundiais (*world monopolistic enterprises*), possibilitando o controle monopolista da produção de *commodities*. Essas empresas monopolistas mundiais formaram-se no processo de fusão/aquisição e tem nas multinacionais sua base formadora, portanto, formaram-se a partir de empresas nacionais ou estrangeiras que retendo o controle da produção de forma monopolista chegaram ao patamar mundial associando-se majoritariamente com as empresas nacionais concorrentes. Para se ter uma ideia do nível de monopolização, existem apenas 4 empresas que são responsáveis, basicamente, por todo mercado de alimentos do mundo. São elas: *Cargill Incorporated* (sede nos EUA), *ADM – Archer Daniels Midland Company* (sede nos EUA), *Bunge Limited* (foi fundada na Holanda, mas atualmente, sua sede está nos EUA) e *Louis Drefus Group* (foi fundada na França e atualmente sua sede está na Holanda).

Em conformidade com o excerto acima, afirmamos que a agricultura capitalista mundializada é regida por esses três pilares de modo que, é importante pontuar que “*há uma determinação do capital financeiro sobre o setor o produtivo*” (CARCANHOLO, M. D.; PASCHOA, 2010). Dito de outra forma, a produção agrícola está sob as determinações de uma agricultura capitalista mundializada que tem como marca principal a produção de *commodities* e os investimentos em bolsas de valores e mercado futuro pelas empresas monopolistas, de modo que “*o capital financeiro assume o controle mundial do mercado*” (HARVEY, 2011, p.24).

Diante dessas considerações, até aqui apresentadas, foi possível identificar o fenômeno de reestruturação produtiva no agronegócio do café em Vitória da Conquista-BA ligada a esse processo de determinação do capital financeiro sobre o produtivo. No entanto, antes de adentrar nessa discussão, é importante fazermos uma breve caracterização dos mecanismos de produção-comercialização do agronegócio no mercado mundial.

O agronegócio do café: mecanismos da produção-comercialização no mercado mundial

Como ponto de partida para essa discussão, elegemos dois elementos que consideramos fundamentais para analisar os mecanismos da organização e funcionamento do agronegócio do café no mercado mundial: o primeiro diz respeito às principais espécies comercializadas no mercado mundial e o segundo sobre o comércio do produto enquanto uma *commodity*. Vejamos nas linhas à seguir, cada um desses elementos de forma mais detalhada.

De acordo Santana(2016, p.110) há duas espécies de café de maior interesse no mercado mundial, são elas: o café chamado *arábica* e o *conilon* ou *robusta*. Autora acrescenta que o *café arábica* – considerado pelo mercado como um café mais fino de aroma mais agradável e sabor adocicado – representa em torno de 70% de todo café comercializado no mundo, enquanto o *conilon* – é um café menos apreciado no mercado mundial em função de ser uma bebida de gosto amargo – corresponde a 30% dessa comercialização.

Há três variedades da espécie arábica de onde foram desenvolvidas quase todas outras variedades: *cramer* – variedade conhecida como café comum do Brasil, a planta atinge de 2 a 3 metros de altura e seus frutos são vermelhos e brilhantes; *bourdon* – também conhecida como café fava, sua planta atinge de 2 a 3 metros e os frutos do café tem formato comum, porém de tamanho reduzido –; *caturra* – ao que tudo indica é uma variedade do bourdon, é uma planta mais baixa, atingindo a média de 2 metros de alturas e os frutos são semelhantes ao do bourdor . Existem, também, variedades do café robusta, podemos assinalar que de modo geral, a planta atinge de 2 a 5 metros de altura e seus frutos são vermelhos e esféricos (REVISTA CAFEICULTURA, 2007). O gráfico abaixo nos permite verificar outras especificidades dessas espécies de café:

☉ CAFÉ ☉		
Informações	Arábica	Conilon
Bebida	Suave	Dura
Lavoura	Alta Altitude	Baixa Altitude
Cromossomos	44	22
Mistura	Puro ou Blends	Blends
Principais Regiões	MG, SP, BA, PR	ES, RO, BA, RJ e No de MG
Teor de Cafeína	1,2%	2,2%
Teor de Açúcar	6 - 9%	3 - 7%
Facilidade de Produção	Menos Produtivo/Mais Cuidados	Mais Produtivo/Menos Cuidados
Produção Mundial	70%	30%

G1.com.br Infográfico elaborado em 19/04/2017

Arábica x Conilon (Foto: Arte G1)

Gráfico 1: Características do café arábica x conilon

Fonte: G1/GLOBO.COM.

De acordo com o gráfico e algumas considerações em Santana (2016), podemos afirmar que o café arábica se desenvolve em regiões de altas altitudes (geralmente entre 800 a 1000 metros, com índices pluviométricos entre 1.200 e 1.500 milímetros anuais), é menos produtivo e, portanto, precisa de mais cuidados com a planta, as principais regiões produtoras dessa espécie no Brasil são Minas Gerais, São Paulo, Bahia e Paraná; é um café mais suave, adocicado e de maior aceitabilidade no mercado, sendo muito consumido puro ou em *blends*³.

Já o café da espécie conilon, se desenvolve em regiões de baixas altitudes (geralmente próximas ao nível do mar, atingindo a média de 400 metros de altitude), é um cultivo mais produtivo e, portanto, tem mais facilidade na produção e exige menos cuidados, é uma bebida mais amarga (e de menos aceitabilidade no mercado mundial), as principais regiões produtoras brasileiras são Espírito Santo, Rondônia, Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais, ele é muito utilizado em misturas com *blends*.

³ Um blend é uma mistura de grãos. Ela pode ser da mesma variedade, como o arábica, ou a mistura de variedades, como o arábica e o conilon. Disponível em: <http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/expocafe/2015/noticia/2015/07/degustacao-com-blends-especiais-agucam-o-paladar-em-feira-do-cafe.html>

Quanto à classificação, o café é tradicionalmente classificado com base sistemática nos seguintes aspectos: *tipo* (número de defeitos e impurezas), *bebida* (Rio Zona, Rio, Riada, Dura e Mole), *peneira* (tamanho do grão) e *cor*. Nos últimos anos o mercado mundial de café tem apostado na diversificação dos produtos, principalmente nos chamados *especialty coffes* (cafés especiais), que se baseiam, principalmente, em padrões ambientais e podem ser de diferentes combinações, tais como: café orgânico, café de qualidade superior (*gourmet*), café de origem geográfica, entre outros (CAFÉ POINT, 2006).

Após essa breve caracterização das espécies de café comercializadas no mercado mundial, iremos assinalar alguns pontos de como é organizado o mercado mundial desse setor. Nesse aspecto é preciso esclarecer que o café é uma *commodity*, isto é,

Commodity é um termo inglês que significa mercadoria. Mas, na acepção aqui assumida, não se trata de qualquer mercadoria, refere-se a produtos principalmente primários ou semielaborados, geralmente agrícolas ou minerais, mundialmente padronizados, com preços cotados e negociados pelas principais bolsas de mercadorias (SAMUEL, 2013, p.98).

Com base no excerto acima, podemos afirmar que as *commodities* são produtos, isto é, bens comerciáveis, que podem ser produzidos e comercializados por uma ampla gama de empresas em escala mundial. Além disso, essas mercadorias de origem primária ou industrializada possuem alta negociabilidade global. Isso significa que seus preços são controlados pelas bolsas de mercadorias e futuros e, portanto, seus preços são definidos em âmbito global. Basicamente, as *commodities* são negociadas em duas formas: mercado à vista e futuro (contrato para entrega e pagamento futuro) e nas bolsas de mercadorias. Os principais tipos de *commodities* são: café, petróleo, soja, milho etc⁴ (NOTÍCIAS AGRÍCOLAS, 2010). A bolsa de valores responsável pela regulação dos preços do café arábica é a de Nova Iorque e a de Londres é responsável pela regulação dos preços do café Conilon (OLIVEIRA, A.U., 2016).

Do ponto de vista da forma de organização do agronegócio do café no mercado mundial, Samuel (2013, p.105-107) explica que no início dos anos 1990 – com o fim dos AIC's⁵ em 1989 – esse mercado passou a ser controlado por dois setores: pelas empresas de

⁴ Os desdobramentos sobre a lógica das *commodities* e seus desdobramentos para entendimento da relação entre capital financeiro e reestruturação produtiva serão discutidas próximo subtítulo.

⁵ Em 1962 com a criação dos Acordos Internacionais do Café (AIC's) as ações unilaterais do Estado brasileiro foram substituídas por uma política sistemática entre os principais Estados produtores de café. Nesse sentido, os AIC's surgiam com o objetivo de estabilizar os preços internacionais do café, por meio de acordo firmados entre

torrefação e moagem e as *tradings* (exportadoras e/ou acionistas no mercado financeiro). Desde então, esses dois tipos de empresas são responsáveis pelo controle das relações comerciais de café, substituindo as antigas negociações entre os Estados sobre quotas e preços. O autor ainda acrescenta que há um monopólio tanto nas empresas de torrefação e moagem quanto nas *tradings* e destaca que a *Kraft/Philip Morris*, *Nestlé* e *Sara Lee* são uma das principais torrefadoras mundiais e a *Neumann*, *ECOM* e a *OLAM*, praticamente concentram o mercado mundial de exportação de café. É interessante assinalar que todas essas torrefadoras e *tradings* citadas atuam no Brasil.

Outro ponto interessante sobre o mercado mundial de café é sobre o Brasil, o país é o maior produtor e exportador do produto no mundo e, também, o segundo maior consumidor mundial de café, ficando atrás no *ranking* de consumo interno dessa bebida, apenas para os Estados Unidos. De acordo com dados fornecidos pelo Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (CECAFE), o produto brasileiro é consumido por mais de 120 países e os líderes de importação desse produto nacional são os Estados Unidos, Alemanha, Itália e Japão (REVISTA CAFEICULTURA, 2016).

Nesse caminho, esses breves apontamentos, discutidos até aqui, acerca dos mecanismos da produção-comercialização do agronegócio do café no mercado mundial, são nosso ponto de partida para iniciar a discussão sobre o capital financeiro e reestruturação produtiva nesse setor em Vitória da Conquista-BA.

A reestruturação produtiva no agronegócio do café em Vitória da Conquista-BA sob as determinações do capital financeiro

Para início dessa discussão, é interessante realizar uma breve contextualização do processo de produção-comercialização do café em Vitória da Conquista-BA. O café comercializado na cidade é da espécie arábica, a bolsa de Nova Iorque é responsável pela regulação do seu preço, o produto possui reconhecimento nacional por sua excelência e é exportado para diversos países do mundo, tais como: Alemanha, Itália, Iraque, Estados Unidos e Japão. É importante esclarecer que esse café não é produzido exclusivamente em Vitória da Conquista, mas no Planalto da Conquista (área produtora desse café da espécie

agências estatais, dos países produtores e importadores. Sobre isso, verificar em SAMUEL, Frederico. **Lógica das commodities, finanças e cafeicultura**. Boletim Campineiro de Geografia, v.3, n.1, 2013. p.97-116.

arábica, composta por 11 municípios), sendo que, a cidade de Vitória da Conquista, é responsável pela concentração do processo de comercialização desse produto.

De acordo com nossas colocações, o agronegócio do café é entendido enquanto uma agricultura capitalista monopolista mundializada e essa *commodity* é uma mercadoria negociada nas bolsas de valores e mercados futuros. A forma dessa negociação se resume na compra e venda de contratos futuros do produto que ainda não existe e que pode nunca existir, pois a liquidação de maior parte desses contratos não implica na entrega física dessa mercadoria. Para Samuel (2013) essa lógica das *commodities* subordina os agentes locais (produtores, indústria de torrefação, entre outros) às determinações especulativas do mercado financeiro.

Desvelar os mecanismos do mercado financeiro e das *commodities*, em particular o café, nos exigiu o esforço teórico de análise do capital financeiro em seu caráter de reprodução fictícia. Sobre isso, Carcanholo; Sabadini (2015, p.128) explicam que o capital financeiro em seu caráter fictício é diferente do capital a juros, já que o capital a juros opera na valorização do valor por meio da financeirização, isto é, financia a produção e se valoriza nos juros. Já o capital fictício, possui uma forma específica de reprodução, pois autovaloriza-se pela venda de um direito de apropriação futura de determinado valor que nem sequer ainda existe (e que pode nunca existir), e por isso, se reproduz de forma cada vez mais autônoma e fictícia. Sua forma existencial está presente nos títulos, ações, entre outras.

Para Harvey (2005) a geografia da acumulação capitalista contemporânea é composta por uma reprodução acelerada de capital fictício, de tal modo que, o volume das dívidas cresce e o trabalho futuro fica cada vez mais subordinado ao domínio do capital financeiro, em sua necessidade orgânica de apropriar-se do valor produzido pelo capital produtivo.

No agronegócio do café em Vitória da Conquista-BA foi possível identificar esse processo de domínio do capital financeiro em seu caráter de reprodução fictícia, enquanto uma *commodity* negociada nas bolsas de valores e futuros e subordinando as outras formas de capital às suas determinações de reprodução.

Para tentar explicar melhor esse processo, é interessante discutir a mediação entre agronegócio do café em Conquista subordinado às especulações dos preços futuros da Bolsa de Nova Iorque. Dito de outro modo, os preços estabelecidos desse café na bolsa por meio de contratos futuros, isto é, o direito de apropriação futura de uma produção (que por ser futura ainda não existe e pode nunca existir).

De acordo com as formulações de Harvey (2011) é possível interpretar essa promessa de apropriação futura da produção de café por meio da produção capitalista do espaço na relação entre espaço-tempo. Essa relação implica na especulação da apropriação futura do espaço pelo capital, tendo em vista que, o capital financeiro adianta a valorização do capital por meio das *commodities* e exige o adiantamento da produção capitalista do espaço, impondo um ritmo de produção de mercadorias no tempo futuro, como tentativa de atender suas demandas de valorização e “quanto maior o capital adiantado a ser valorizado (como capital financeiro e fictício), maior a necessidade de produção do espaço” (PITTA, 2015, p.81). Isso chegou a tal ponto que “o capitalismo começou a gastar seu próprio futuro” (KURZ, 2014, p.298).

Nesse contexto, o processo de produção-comercialização do café em Vitória da Conquista fica sob os desígnios do capital financeiro que dita à produção ao ritmo do futuro. Isso significa que comerciantes, produtores, intermediários, *tradings*, torrefadoras e demais sujeitos locais ligados a esse setor, são impostos à lógica de produção futura do capital financeiro (fictício).

Essa determinação do capital financeiro sobre as outras formas de capital no café em Vitória da Conquista-BA, também podem ser verificada no processo de reestruturação produtiva. Antes de discutir essa questão é necessário pontuar que a reestruturação produtiva é um processo que não se restringe à dimensão das inovações tecnológicas, mas também, às mutações no mundo do trabalho, desde a acumulação flexível à captura da subjetividade do trabalhador por meio da transferência do saber intelectual do trabalho transferido para as máquinas informatizadas, tornando-as mais eficientes e inteligentes (ANTUNES & ALVES, 2004).

Diante do exposto, iniciamos nossa exposição acerca do capital financeiro e reestruturação produtiva no agronegócio do café em conformidade com as formulações de Kurz (2014) nas quais explica que para entender as especificidades das relações capitalistas de produção é necessário interpretá-las por meio do entendimento do processo global do capital. Assim, o autor pontua a concorrência capitalista como um elemento de análise importante para interpretação desse processo global do capital.

De acordo Kurz (2014, p.276-280) a concorrência é interpretada pela lei da tendência da queda taxa de lucro global do capital. Para ele, essa tendência expressa o limite interno do capital na produção de valor, com o aumento substancial na composição orgânica do capital,

isto é, desproporcionalidade entre o capital constante (trabalho morto;) e variável (trabalho vivo; força de trabalho), o que por sua vez, produz sistematicamente uma desvalorização de capital na medida em que um novo capital é criado, já que há um descompasso com o aumento do trabalho morto e diminuição do trabalho vivo.

Uma interseção aqui é necessária: a lei da concorrência não exclui o caráter monopolista do capital mundializado, pelo contrário, ela legitima a monopolização do capital, já que de acordo Harvey (2011, p.40-44) as leis da concorrência produzem um ambiente competitivo com tendência a monopolização.

Essa tendência à queda da taxa de lucro e a concorrência capitalista pode ser explicada no agronegócio do café em Vitória da Conquista-BA por meio da competição intercapitalista entre os produtores de café. Impulsionados por essa concorrência global, os produtores são condicionados a aumentar a composição orgânica do capital, isto é, investir em inovações tecnológicas (máquinas, tratores, colheitadeiras etc.), informatização para gerenciamento da safra e, até mesmo, utilização de sementes geneticamente modificadas.

Nesse aspecto, Elias (2003) explica que o advento de inovações tecnológicas no campo para o aumento da produtividade tem como um dos objetivos diminuir a dependência da produção em relação às condições da natureza (clima, relevo, pluviometria, solo, entre outras), isso significa que com o aumento da produtividade, o capital aumentou também seu domínio sobre a natureza.

De acordo com a formulação de Marx (1996) podemos assinalar que na medida em que os produtores de café – do ponto de vista do processo global de produção de capital – aumentam a composição orgânica do capital, diminuem o tempo de trabalho socialmente necessário para a produção e, conseqüentemente, diminuem o valor produzido (desvalorização de capital). Para Grespan (2012, p.190-192), esse processo é a negação do trabalho vivo pelo morto, pela necessidade inerente ao capital de elevar continuamente sua produtividade em razão das leis da tendência da queda da taxa de lucro e da concorrência.

Além disso, Grespan (2012) explica que esse processo é resultado da crise do capital, que não é cíclica, pois é imanente ao capital, é de sua própria unidade contraditória entre valor de uso/troca e que essa oposição presente na unidade, fundamenta a crise do capital com a radicalização da oposição contraditória do trabalho abstrato. Para o autor, o capital atinge seus limites por meio da sua própria lógica desmedida de acumulação de capital como fim em si

mesmo, ou seja, a dupla dimensão contraditória qualitativa infinita do capital fictício x quantitativa finita do capital produtivo (mais-valia real, já que é o único que produz valor).

Para deixar mais elucidativo essa desmedida do capital, é oportuno recorrer a Dutra Júnior (2010, p.69) quando assinala que uma análise feita pela Mitsubishi UFJ securities, constatou que a dimensão da economia real em escala mundial está estimada em UU\$ 48,1 trilhões, enquanto o montante global de capital fictício em ações, títulos etc., ultrapassa os UU\$ 151 trilhões. Esse dado é alarmante, pois evidencia uma economia financeira três vezes maior do que o montante real, isto é, um gigantismo das finanças em relação à riqueza material produzida, o que por sua vez, alimenta uma economia e uma geografia da bolha especulativa.

Por meio dessa dialética contraditória, cria-se um enorme círculo vicioso de especulação, alimentado pelas formas fictícias de reprodução capitalista, o que por sua vez, tem distanciado cada vez mais os preços dos papéis (títulos, ações etc.) da produção de riqueza material (GOMES, 2015).

Por meio desses elementos até aqui discutidos é possível interpretar a determinação do capital financeiro na reestruturação produtiva como manifestação da crise imanente ao capital. Para tanto é necessário reforçar que esse movimento está intimamente ligado à concorrência e a tendência da queda da taxa de lucro global do capital.

Nesse aspecto, foi possível verificar no agronegócio do café em Vitória da Conquista-BA que a produtividade e a concorrência intercapitalista tendem a aumentar continuamente, pois o capital financeiro impõe o adiantamento do ritmo de produção do capital em tempos futuros, já que esse capital se reproduz de forma fictícia por meio da valorização do valor (em sua forma existencial de *commodity* negociada em bolsas de mercados futuros) na promessa de apropriação futura da produção.

Outro ponto importante que auxilia nessa análise é a formulação de Marcelo Carcanholo e Paschoa (2010, p.6-8) sobre a dialética do capital fictício em sua função e disfunção. Para os autores, a funcionalidade do capital fictício consiste na diminuição do tempo de rotação do capital, ou seja, possibilita a aceleração do tempo de rotação do capital global para valorizar-se cada vez mais rápido. Por outro lado, possui uma disfunção: do ponto de vista individual, o capital fictício não é capaz de produzir valor-excedente, pois não entra no processo produtivo, assim, embora participe da acumulação geral de capital, a sua lógica está voltada para a apropriação de valor-excedente e, como resultado, uma parcela cada vez maior de capital

global tenta se apropriar do valor-excedente que é produzido cada vez menos. (CARCANHOLO, M.D., 2010, p.6-8).

No âmbito do agronegócio do café em Vitória da Conquista-BA foi possível verificar a dialética da função e disfunção do capital fictício, na qual verificamos o domínio do capital financeiro na captura do valor-excedente produzido pelo capital produtivo no processo de reestruturação produtiva nas lavouras de café.

Sobre isso, de acordo com interpretações do trabalho de Santana (2016), é possível analisar a crise do trabalho na cafeicultura do Planalto da Conquista por meio da reestruturação produtiva nas lavouras de café, de modo que, sobretudo em 2013, houve um aumento significativo da mecanização dessas lavouras, implicando na demissão de várias trabalhadoras e trabalhadores do café que foram condicionadas (os) ao desemprego estrutural.

Nessas condições, a reestruturação produtiva das lavouras de café no Planalto da Conquista, a superexploração da força de trabalho, são algumas das principais estratégias do capital produtivo para aumentar a taxa de mais-valia. No entanto, é importante reafirmar que essa acumulação está sob o domínio do capital financeiro que busca formas de capturar o valor-excedente produzido pelo capital produtivo. Então, podemos assinalar que a produção do café, no Planalto da Conquista é subordinada a essa lógica, pois o capital fictício opera como “um capital em espera, como uma concessão de um crédito na expectativa futura de apropriação de um excedente real” (CARCANHOLO; SABADINI, 2015, p.157).

À guisa de considerações finais

Antes de tudo, consideramos importante ratificar que o presente trabalho é um recorte de nossa pesquisa de dissertação em curso e, portanto, os resultados que foram discutidos até aqui são apenas alguns apontamentos gerais e nossas primeiras impressões de investigação. Além disso, foi possível analisar os mecanismos da produção-comercialização do agronegócio do café em Vitória da Conquista-BA enquanto uma agricultura capitalista mundializada sob os desígnios do capital financeiro (fictício). Nesse sentido, Carcanholo; Nakatani (2015, p.54-55), explicam que a acumulação global do capital na contemporaneidade, condiciona ao máximo a contradição entre valor/valor de uso, pois a lógica especulativa do capital fictício contamina todas as outras formas autonomizadas de capital com as quais ele se relaciona. Assim, o próprio capital produtivo fica subordinado a essa lógica e passa a operar cada vez mais de modo especulativo e, conseqüentemente, o

capital financeiro se apropria do valor-excedente e o exige em magnitude cada vez maior, aprofundando as contradições entre capital x trabalho, acirrando ainda mais a concorrência intercapitalista e a corrida pelo aumento da produtividade. Essas são manifestações de uma crise do capital que não é cíclica, está cada dia mais aguda e nos coloca sob a urgência de buscar uma nova forma de relação social, pois “*o capitalismo não é uma fênix que renasce das cinzas (...) o capitalismo é um cadáver ambulante (...) seu coração já parou de bater a muito tempo*” (Kurz, 1995).

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Ricardo & ALVES, Giovanni. **As mutações no mudo do trabalho na era da mundialização do capital**. Educ. Soc. Campinas, vol. 25, n.87, 2004, p.335-351.

CAFÉ POINT. **Cenário e tendências do mercado mundial de café**. Disponível em: <https://www.cafepoint.com.br/blogs/espaco-aberto/cenario-e-tendencias-do-mercado-mundial-de-cafe-31593n.aspx>. Acesso em Agosto de 2016.

CARCANHOLO, Reinaldo A.; SABADINI, Mauricio de S. Capital Fictício e Lucros Fictícios. In: **Especulação e Lucros Fictícios: Formas parasitárias da acumulação contemporânea**. Helder Gomes (Organizador). 1-ed., São Paulo: Outras Expressões, 2015. p.125-161.

CARCANHOLO, M. D.; PASCHOA, J. P. P. **Crise Alimentar e Financeira: A lógica especulativa atual do capital fictício** (2010). In: Gambina, J. C. (Org.) *La Crisis Capitalista y sus Alternativas: una mirada desde América Latina y El Caribe*. Buenos Aires: Clacso Libros, 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/5456679/CRISE_ALIMENTAR_E_FINANCEIRA_A_L%C3%93GICA_ESPECULATIVA_ATUAL_DO_CAPITAL_FICT%C3%8DCIO

DUTRA JÚNIOR, WagnerValter. **A Geografia da Acumulação – Território do Trabalho (Abstrato) e da Riqueza (Abstrata): a espacialização da irracionalidade substantiva do capital**. Dissertação de Mestrado do Núcleo de Pós-Graduação em Geografia (NPGeo). São Cristóvão/SE, Novembro de 2010.

ELIAS, Denise. **Globalização e Agricultura: A Região de Ribeirão Preto/SP**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

KURZ, Robert. A ascensão do dinheiro aos céus. *Revista Krisis*, n. 16-17, 1995. Disponível em: <<http://obeco.planetaclix.pt/rkurz101.htm>>. Acesso em: julho, 2017.

GOMES, HELDER. Introdução. In: **Especulação e Lucros Fictícios: Formas parasitárias da acumulação contemporânea**. Helder Gomes (Organizador). 1-ed., São Paulo: Outras Expressões, 2015. p.13-31.

GRESPLAN, Jorge. **O negativo do capital: o conceito de crise na crítica de Marx à Economia Política**. 2ª edição, Expressão Popular, São Paulo, 2012.

G1/GLOBO.COM. **Arábica x Conilon: entenda as diferenças na produção e no consumo do café**. Disponível em: <http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/grao-sagrado/noticia/arabica-x-conilon-as-diferencas-na-producao-e-no-consumo-do-cafe.ghtml>. Reportagem do dia 24 de abril de 2017. Acesso em maio de 2017.

G1/GLOBO.COM. **Mistura de cafés especiais atípa paladar e atrai visitantes na Expocafé**. Disponível em: <http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/expocafe/2015/noticia/2015/07/degustacao-com-blends-especiais-agucam-o-paladar-em-feira-do-cafe.html>. Reportagem do dia 2 de maio de 2015. Acesso Março de 2017.

HARVEY, David. **Os limites do capital**. Tradução: Magda Lopes. Boitempo Editorial, 2013.

HARVEY, David. **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. Tradução: João Alexandre Peschanski. Boitempo Editoria, São Paulp, SP, 2011.

HARVEY, David. **O novo imperialismo**. Tradução Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HARVEY, David. **A Produção Capitalista do Espaço**. São Paulo, Annablume, 2005.

KURZ, ROBERT. **Dinheiro sem valor: linhas gerais para uma transformação da crítica da economia política**. Tradução: Lumir Nahodil. Lisboa-Portugal, 1ª ed. Editora Antígona, 2014.

MARX, KARL. **O Capital: crítica da Economia Política**. Volume I, Livro primeiro. O processo de produção do capital, Tomo 1. Coleção Os Economistas. Apresentação de Jacob Gorender. Coordenação e revisão de Paul Singer. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Editora Nova Cultura, 1996.

PITTA, Fábio Teixeira; MENDONÇA, Maria Luisa Rocha Ferreira de. **O capital financeiro e a especulação com terras**. In: Mural Internacional, v.5, n.1, 2014.

OLIVEIRA, A. U. de. **A mundialização do capital e a crise do neoliberalismo: o lugar mundial da agricultura brasileira**. Revista Geosp – Espaço e Tempo (ONLINE), v.19, n.2, p.229 a 245, ago.2015. ISSN 2179-0892.

OLIVEIRA, A.U. de. **A mundialização da agricultura brasileira**. Iãnde Editorial, São Paulo, 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA. **DADOS ESTATÍSTICOS**. Disponível em: <http://www.pmvc.ba.gov.br/dados-estatisticos/> . Acesso em outubro de 2016.

REVISTA CAFEICULTURA. **Clima e variedades**. Disponível em:
<http://revistacafeicultura.com.br/?mat=13626> . Acesso em de Fevereiro de 2017.

SANTANA, Aurelane Alves. **A crise do trabalho na cafeicultura de Vitória da Conquista-Bahia**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa, 2016.

SAMUEL, Frederico. **Lógica das commodities, finanças e cafeicultura**. Boletim Campineiro de Geografia, v.3, n.1, 2013. p.97-116.

NOTÍCIAS AGRÍCOLAS. **COMMODITIES**. Publicado em 27/01/2010. Disponível em:
<https://www.noticiasagricolas.com.br/educacional/mercado-futuro/44200-commodities.html#.WOJQFyFAHIV> . Acesso em 18 de Junho de 2016.